

DA POESIA COMO EMANAÇÃO DA ENERGIA NA OBRA DE LORAND GASPAR

A obra de Lorand Gaspar, físico por paixão, médico por exercício e poeta por escolha, representa uma das situações-limite do entrosamento da Poética da Ciência com a Ciência da Poética, constituindo um espaço privilegiado da reflexão e da investigação contemporâneas, que tentam uma nova epistemologia na abordagem dos fenômenos físicos, químicos e biológicos, entre os quais se contam como culminação máxima da matéria, mas sem se distinguirem dela energeticamente, a linguagem em geral e a poesia em particular. Para Lorand Gaspar, as previsões sobre o futuro da poesia feitas por Hegel, na sua *Estética*, em 1835, não se confirmaram (!). A Revolução Industrial, o Positivismo e o Experimentalismo do Século XIX, que, do ponto de vista estético, se manifestaram nos Realismos/Naturalismos; o recente e prodigioso desenvolvimento da Ciência, da Tecnologia e da Informática, com os seus sistemas rigorosos de comunicação, não têm impedido o normal advento das múltiplas manifestações da Arte e da Poesia. Mas não será uma certa tendência inata do homem para a "rêverie" e para a preguiça que impedem que a linguagem da Ciência passe a ser aceite como a única digna das operações do cérebro humano? Não será a poesia, luxo e exuberância no sistema global da informação, um caso evidente de energia em desperdício, ligada a velhas concepções cosmogónicas, de matriz teológica, sobre a matéria e a vida? O humano do homem, segundo alguns cientistas, é um entrave a eliminar no desenvolvimento progressivo da Ciência que abarque e explique a totalidade indissociável da matéria-espírito. Não o entende assim Lorand Gaspar, para quem a Poesia não precisa de justificação e dispensa apologéticas em sua defesa, de tal maneira ela se inscreve no âmago da matéria e da energia e se apresenta como uma das suas emanações mais vitais. O imaginário dos povos não é um acervo de patologia ficcional, não é a história das suas frustrações e impotências. É, sobretudo, e antes de mais, a metaforização e a ultrapassagem dos limites apertados do real científico, incapaz, por si só, com as suas leis e princípios friamente enunciados, de explicar as metamorfoses da matéria e do espírito. Segundo a poética gaspariana, não há o menor hiato de descontinuidade entre o físico, o biológico e o psíquico. Ela ultrapassa e põe em causa as velhas concepções da Física, da Química e da Biologia clássicas, também elas eivadas das teorias filosóficas vigentes, que faziam do princípio da não-contradição aristotélica e da síntese hegeliana a condição primeira de todo o processo cognitivo na determinação do raciocínio científico, histórico e estético. A arte poética

gaspariana mergulha as suas raízes mais profundas na complementaridade unitária dos saberes físico, químico, mineralógico, clínico, arqueológico, histórico e geográfico, em busca daquilo a que ele chama a “rocheuse précision” da realidade total da energia e da sua ciência, a termodinâmica. A concepção tradicional da irreducibilidade da linguagem das Ciências e da Poesia é, na sua óptica de leitura do mundo, totalmente desajustada à realidade da energia em movimento. Essa irreducibilidade é mesmo um falso problema, na medida em que, contrariamente às habituais filosofias do lógico e do analógico, com graus diversos de inserção no real, o científico e o poético têm um objecto comum — a matéria/energia —, proteiforme e pluridimensional na potencialização e na actualização das suas formas multimodas, uma das quais é a linguagem e a poesia. É a mesma matriz energética que anima todos os saberes, quer eles sejam de natureza física, química e biológica, quer eles sejam de natureza estética. Os pressupostos teóricos do pensamento poético gaspariano são, evidentemente, inspirados numa filosofia anti-dualista e anti-maniqueísta. Frise-se, aliás, que o binarismo demasiado rígido em que tem assentado a heurística científica não se confirma actualmente enquanto estrutura perfeita e inultrapassável. Por sua vez, os génesis demiúrgicos do cosmos emergindo do caos introduziram, no princípio, a distanciação entre sujeito criador e objecto criado, que informam as visões dualistas do mundo. Ora, na arte poética gaspariana, “os deuses estão no museu” (2). A energia criadora, nas suas entropias reduzidas e/ou aumentadas, busca permanentemente um equilíbrio, sempre precário, entre a ordem e a desordem. Esbatem-se, portanto, as dicotomias binárias tradicionais de *real/irreal*, *verdadeiro/falso*, *bom/mau*, *bonito/feio*, *tempo/espaco*, porque a energia vital é matéria e espírito imanente a essa matéria, dela mesma emanado. Em “Science et poésie” (3), Lorand Gaspar tentou sistematizar com mais rigor científico a sua arte poética até então fragmentária e dispersa, mais tarde condensada em **Approche de la parole**. Não procurou, contudo, fazer uma pura estetização da Ciência ou uma científicização da Estética. O físico Paul Dirac, que recebeu o galardão do prémio Nobel, era de opinião “qu’il est plus important d’avoir de la beauté dans ses équations que de les faire accorder aux expériences” (4). E Roger Caillois precisava, em 1977, num ensaio publicado também na revista *Diogène* (5), que, hoje, há uma certa inflexão no domínio das Ciências ditas exactas, que na sua formulação clássica tentavam metodologicamente estabelecer as leis gerais da matéria, minimizando o aleatório, o insólito, o irregular, o ocasional, que, actualmente, merecem a preferência das novas orientações científicas. *Mutatis mutandis*, o poeta é também, em certa medida, um demiurgo da linguagem, que na poesia se apresenta no grau máximo da arbitrariedade e do insólito do signo linguístico. Segundo Lorand Gaspar, a Ciência chegou a um momento fulcral da sua

evolução, em que, para progredir, se vê forçada a estender uma parte considerável dos seus domínios ao que, por mera convenção, se vem designando por irracional. Poder-se-ia dizer que a sua visão cósmica e poética é pré-socrática, ao pretender unir ciência, poesia e filosofia, num esforço reunificador que agregue as imagens estilhaçadas duma matéria ferida na sua homogeneidade pelo pecado do homem. Lorand Gaspar não faz lirismo fácil sobre os dados da Ciência mais recente. A microfísica contemporânea e a biologia molecular, por exemplo, questionam e circunscrevem o cientificismo arrogante que divide em compartimentos estanques as ciências em *duras* e *moles*, em exactas e humanas. É nesta ordem de ideias duma Ciência moderna, a interrogar-se humildemente sobre a verdadeira extensão dos seus limites, que se situa esta Poética da ciência gaspariana. Na opinião de Lorand Gaspar, à medida que o homem avança nos domínios do infinitamente pequeno, encontra a indeterminação, a dualidade, o paradoxo, e tem de confrontar-se com informações chocantes para a lógica conformista e para a razão confortavelmente instalada nos seus esquemas e preconceitos milenários. Como para Baudelaire, embora por pressupostos científicos diversos, também para Lorand Gaspar "l'imagination est la reine des facultés" (6); ela é "la reine du vrai, et le possible est une des provinces du vrai. Elle est positivement apparentée avec l'infini" (7). Um mundo reduzido às fórmulas frígidas e abstractas das ciências seria irrespirável. O autor de *L'Approche de la parole* adverte do perigo de desaparecimento da imaginação, se ela for tomada apenas no seu sentido lírico e romântico: "L'imagination dont Baudelaire disait qu'elle était la plus scientifique de nos facultés pourrait bien avoir le sort de notre appendice caudal" (8). Para Lorand Gaspar, a poesia não é um solipsismo egoísta, não é um narcisismo inconsequente da palavra, nem um exercício lúdico desligado de todas as outras forças vitais que animam o mundo da matéria. O poeta não é um génio entendido no sentido clássico ou romântico do termo, porque as divindades, as musas e a inspiração, sobre que assentaram as poéticas clássicas e românticas, se esgotaram. O poeta não é um ser inspirado, como, aliás, já o deixara de ser para os Surrealistas desmitificadores. Ele é, quando muito, um sismógrafo muito sensível com uma excelente capacidade de apreensão da energia patente nos impulsos químicos da efervescência luminosa da matéria, que se podem tornar calor, luz ou palavra. O poeta é um *médium* através de quem passa essa energia múltipla e matizada, que, às vezes, assume a forma de poesia e de canto. Segundo este cirurgião-poeta, a linguagem não constitui uma simples protuberância tardia da matéria, surgida durante o longuíssimo processo da hominização. Um dos capítulos mais apaixonantes da história da hominização, é, sem dúvida, o aparecimento da palavra e da sua posterior fixação pela escrita. O *homo sapiens*, o *homo loquens* e o *homo ludens* não

representam na *gesta da matéria*, tal e qual a concebe Lorand Gaspar, um salto qualitativo por força de intervenção exógena, mas um elo na cadeia ininterrupta das transformações da matéria-energia. O pensamento poético gaspariano não estabelece qualquer tipo de separação metodológica entre a *approche de la parole* e a *approche de la vie* (9). Foi no primeiro período do quaternário que surgiu esse mamífero dotado dum poderoso meio de energia, que é o órgão pensamento-linguagem. E o poeta não hesita em fazer uma incursão científica nesse período, sem receio de abafar a sua voz lírica, porque o lirismo, em vez de representar uma forma melíflua de conhecimento, incarna uma das expressões mais subtis da energia total do mundo. No seu livro *Gisements* (10) — e o título indicia desde logo os campos semânticos da paleontologia e da geologia, no qual também se move a reflexão crítica gaspariana — subtitulada uma das suas partes “Pléistocène” (11). A matéria-energia caprichou e, no xadrez dos jogos físicos e químicos de aquecimentos e arrefecimentos da terra e dos jogos genéticos dos seres que a povoaram, começou a aventura biológica das linguagens: “Nous étions en train de construire un langage à couches multiples, caves, étages, escaliers, corridors réversibles et solidaires, une sorte de monstre votif où muscles, os, organes, désirs et raisons, avec leurs exigences les plus immédiates et celles invraisemblables seraient représentés avec la même acuité, les mêmes droits de persuasion. /.../ L’homme ce prolifique organe de langage qu’il dise tel un univers de sonorités conquérantes, qu’il dise en face du silence qui se dérobe, son-être là prodigieux, blessant et insupportable” (12). Nesta visão unitária e calorosa da matéria, em que a poesia brota como parte integrante da energia cósmica, reside, pois, a especificidade da Poética gaspariana. Deste modo, as “démarches” científicas e poéticas, embora com metodologias próprias de abordagem, trabalham uma energia cósmica comum às Ciências da natureza e às Ciências do homem. A Ciência não se poderá, conseqüentemente, definir no seu objecto por oposição à poesia nem vice-versa. E a Poética de Lorand Gaspar ilustra mesmo, de modo exemplar, a entrosagem desta reflexão científica e poética, sem que uma ou outra se exclua. Esse novo processo heurístico desejaria evitar a todo o custo o fosso entre Poesia e Ciência, dado que são fluidas as barreiras tradicionais entre lógico e ilógico, exacto e inexacto, racional e irracional. Se as leis da Física, da Química e da Biologia podem ajudar a esclarecer a criação poética, a Poesia poderá iluminar igualmente todas as outras Ciências da natureza, abrindo-lhes, pela energia da imaginação, novos caminhos do possível, que as leis das Ciências clássicas, rigorosas mas não definitivas, não foram ainda capazes de abarcar, descrever e elucidar. A originalidade da proposta poética de Lorand Gaspar consiste precisamente na adequação entre a natureza, enquanto energia vital totalizante, e o homem, a sua perfeita culminação biológica e poética. Lorand

Gaspar pretende escrever ou reescrever neste **Sol absolu** ⁽¹³⁾, título muito expressivo dum dos seus livros de poemas, "la geste de la matière et de la vie" ⁽¹⁴⁾. As diferenças de linguagens das ciências matemáticas, da lógica e da poesia não apresentam qualquer impedimento a esta circularidade dos saberes que irradiam da matéria. Trata-se mais duma questão de método do que duma diferença de natureza, pois todas elas convergem na totalidade da energia matricial. A linguagem pode cristalizar nas mais diversificadas formas poéticas, em que a questão dos géneros é irrelevante, assim como outras combinações químicas cristalizam nos mais variados sistemas, com uma gama infinita de opções, que vão do normal e do regulável por leis ao mais bizarro e insólito, que escapam a todo o saber codificado, obrigando a Ciência a entrar no domínio das variáveis. Assim também na poesia, em virtude da gama teoricamente inesgotável de combinações admitidas pelos sistemas linguísticos. Sabe-se que toda a informação, como o demonstra a Cibernética, tende a transformar-se em *clichés*. Ora, a palavra poética é precisamente um processo de fuga a essa tendência da lei do menor esforço. Por isso mesmo a poesia não é uma coisa a mais acrescentada ao mundo da matéria ⁽¹⁵⁾. A poesia não é uma excrescência parasita da energia pensante. A poesia, nota Lorand Gaspar, é, pelo contrário, "ce sentier non tracé, ce sens encore inconnu, cette saveur d'aube qui menace les Grands Catalogues du Conservatoire Mental de l'Humanité" ⁽¹⁶⁾. O cérebro humano em que se ordenam as palavras, com cujo tecido se constrói a poesia, é apresentado pela poética gaspariana como um "lieu de haute énergie" ⁽¹⁷⁾. O acto poético, como todo o pensamento racional, face às outras manifestações do sistema neuro-hormonal, representa uma actividade muito especializada, que ausculta as menores vibrações da vida. E o poeta-cientista, sabendo que a poesia pode ser tão importante para esclarecer a Ciência como a Ciência para esclarecer a génese da poesia, pergunta: "Dans la masse de pensée que le cerveau humain 'secrète' le long d'une vie, une infinie minorité peut être reliée au domaine de la science expérimentale (domaine objectif). Faut-il brûler le reste? Faut-il par une longue ascèse le refouler, l'éliminer?" ⁽¹⁸⁾. O mesmo poeta-cientista responde, sem tergiversações, que os grandes dramas e as grandes angústias do amor, do ódio, da vida e da morte, corpo e alma da poesia, são tão essenciais para o funcionamento do físico, do biológico e do psíquico como certos desenvolvimentos químicos ou certas regulamentações dos gases. A dúvida do poeta face aos grandes mistérios que a sua palavra não consegue desvendar não é menos angustiante do que a dúvida metódica do cientista confrontado com códigos convencionais, incapazes por si sós de dominarem a enorme complexidade da matéria-energia. Na explicitação da sua Poética, Lorand Gaspar demora-se a estabelecer a homologia entre a biologia e a linguagem. Sem se deixar deslumbrar pelas teorias semióticas em moda

nem se deter na consideração dos vários ramos e tendências da Linguística e da Poética contemporâneas, o cirurgião-crítico prefere desenvolver as semelhanças entre a biologia e a poética, acentuando que a linguagem é uma força entre outras do nosso corpo, não havendo qualquer tipo de descontinuidade entre matéria, pensamento, linguagem e cultura. As Culturas em que se inscrevem as poéticas, que de algum modo as sublimam, não representam um estádio à parte na dinâmica da energia. Nas suas **Feuilles d'observation** de médico e de poeta, a totalidade da vida aparece sempre sem as rupturas artificiais e pedagógicas que restringem e delimitam campos do saber com objectos e métodos que se disputam áreas de influência numa falsa demonstração de auto-suficiência orgulhosa e empobrecedora. A palavra *interdisciplinaridade*, que o poeta evita, talvez pelo facto de ter sido transformada nos últimos tempos em estereótipo, traduz, contudo, o caminho essencial da sua pesquisa: "Nos pauvres édifices de mots, ces corps de notre parole, on nous les montre soigneusement disséqués, découpés: muscles, vaisseaux et nerfs, vis, roues et ressorts bien isolés, catalogués. /.../. Pour nous ils sont mêlés aux fibres de tous nos tissages, dans la continuité de nos plus infimes remous moléculaires" (19). Neste esforço generoso de ligar preferencialmente os campos semânticos da poesia e da biologia, pelas múltiplas afinidades possíveis entre os jogos de palavras e os jogos das moléculas, entre o tecido genético e o tecido poético, Lorand Gaspar observa que cada célula, cada partícula de cada célula, são dança, vibração, ritmo e ideia, que se imbricam na intensidade da "cena" cambiante da vida (20). Há nos corpos uma veia de poesia imemorial e por essa mesma razão, para o poeta, essa homologia é flagrante: "Energie, mouvement, vie, désir, pensée, langage, — des noms que nous donnons à des aspects différents de la même vivacité" (21). Essas similitudes estão implicadas simultaneamente na génese e no desenvolvimento das tessituras genética e poética. O poeta não hesita mesmo em falar nos "silabários da matéria" e nos "silabários da palavra poética" e da inter-relação que ambos estabelecem entre si. Lorand Gaspar ilustrou um dos seus livros, **Approche de la parole**, com um belo fragmento da fórmula química desenvolvida do ácido desoxiribonucleico (22) e com a transcrição dos ARN ribossómicos, cócito de tritão, consistindo este último num desenho do Autor, elaborado a partir duma fotografia obtida em microscópio electrónico (23), como se a Biologia, a Química e a Poesia falassem linguagens idênticas e se explicassem mutuamente no engendramento comum da mesma matéria-energia, una na sua base, mas plural e multimoda nos seus fenómenos, todos contribuindo para a criação da mesma beleza cósmica. A aproximação das linguagens das Ciências e das Artes não é, no caso de Lorand Gaspar, a expressão duma má consciência, hoje muito patente em certas ciências humanas, que, envergonhadas da sua falta de rigor pela imprevisibilidade

que o seu objecto de estudo — o homem — nelas introduz, querem encapotar-se com uma forma postiça de cientificismo, em que a árvore impede de ver a floresta. Muito longe disso. A poética da ciência gaspariana não embarca nesse desagradável equívoco, chamando, pelo contrário, a atenção dos leitores para a forte subjectividade das Ciências ditas exactas, dada, em última instância, a imprevisibilidade e o aleatório da energia e da vida. Daí que o poeta conceda um especial interesse à arte dita abstracta, em que a preferência é dada a formas não representativas do real imediato, que parecem sintonizar perfeitamente com certas formas proteicas elementares das células. O desenho do frontispício de **Approche de la parole**, da autoria de Henri Michaux, combina maravilhosamente com as duas ilustrações já referidas, permitindo associar variações entrópicas das proteínas à dança ou ritmo das palavras no poema. A sintaxe do poema coincide com a sintaxe das proteínas e esta semelhança de formas radica-se na similitude dos processos químicos que as engendram: "Peut-être la poésie nous apprend-elle à faire confiance à des activités mentales (ou plus simplement de la vie) ontogénétiquement antérieures à la démarche logico-rationnelle. Ces couches plus profondes obéissent à des règles de jeu différentes de celles qui gouvernent les structures corticales récentes. La pensée rationnelle apparaît comme une activité très spécialisée en face de l'activité globale du système neuro-hormonal qui ausculte les moindres vibrations de la vie, qui sait "parler" à la moindre de nos cellules" (24). Lorand Gaspard surpreende até uma certa ingenuidade comum ao sábio e ao poeta na procura da ontologia da matéria e da vida, valores absolutos, muito anteriores aos maniqueísmos e às transcendências que dilaceraram o estado de fraternidade da matéria/energia, que o poeta designa num dos seus livros como, o "Quatrième état de la matière" (25). A matéria matricial, mãe comum de todas as manifestações, desde a célula mais ínfima ao organismo mais complexo, desde a palavra onomatopaica à tessitura poética mais elaborada, é a mesma energia cósmica, transparente e luminosa. A poética gaspariana, partindo do princípio de que a matéria não é uma natureza mas uma energia, é assim uma poética solar. Poeta da mediterraneidade, os estratos dos saberes de várias civilizações, como a grega, a romana, a hebraica e a muçulmana, cruzam-se e chocam na sua decifração do mundo. As suas vivências de nómada da Ciência e da Palavra e da sua fonte primeira — a energia-luz, mais palpável nas suas experiências pessoais de contacto com o deserto (26) — fazem da sua Poética uma *ars vivendi*, princípio da sabedoria e da sageza. Trata-se, pois, duma inovação profunda e original, que revela uma leitura monista da matéria-energia, capaz de sugerir uma nova antropodiceia relacional entre os homens e as coisas, porque emanção, por cissiparidade, de uma energia polimorfa, mas unificadora. As palavras do poema são "protoplasmes à ramures infinies, dieu épars

qu'une faille ou une hésitation précipite dans la chair" (27). A Cultura não será, por conseguinte, uma violação da natureza elementar. No devir histórico da matéria, na apreensão pela consciência desse mesmo devir, a palavra poética é transitiva, porque ela é mais uma manifestação da epifania da vida. A palavra, porosa, irradiante como os desertos africanos que têm encenado a actividade clínica e poética de Lorand Gaspar, é, talvez o "quarto estado da matéria", que o poeta nomeia, mas não delimita nem define, na busca incessante do tempo augural e inaugural, que não é, como têm sugerido algumas críticas, um tempo e um estado da matéria anterior à sua manifestação nos três estados sólido, líquido e gasoso, — divisão de valor meramente didáctico, porque não corresponde à verdadeira organização do cosmos, mas um estado harmónico da matéria-energia, luz e calor da vida em entropia e metamorfose.

Se, por um lado, a poesia é uma emanação da energia, se "la langue de la poésie se meut à la même énergie qui fait les empires et les perd" (28); se não há descontinuidade entre a matéria, o pensamento e a palavra; se, por outro lado, uma bactéria, um protozoário ou um homem lêem, como afirma o cientista-poeta, sem erro o texto genético inscrito num ácido desoxiribonucleico ou num ácido nucleico mensageiro" (29); se a Física dos quanta contemporânea não é monovalente e postula uma multiplicidade de matizes e valores intermédios não tomados em conta pela Física clássica; se a Biologia molecular permite verificar semelhanças processuais entre a dinâmica orgânica e a dinâmica linguística, então, não será ousado defender os direitos apolíneos da poesia, lava preciosa duma matéria com muitas fendas e muitas vozes. Pelo que esta voz de Lorand Gaspar nos parece muito importante na economia geral da velha questão das relações ou escaramuças entre a Ciência e a Poesia, frequentemente vistas, para mal de ambas, isoladas em torres de marfim:

"On discute beaucoup pour savoir s'il y a encore une place, une fonction comme on dit, dans notre monde pour la poésie. Et laquelle. Est-ce important? Le poème n'est rien d'autre qu'une manière de nous éclairer, de donner un visage au monde, de nous rassembler. D'être heureux. Tant que nous ne possédons pas la science indiscutable d'une vie plus vraie, plus forte, serions-nous assez sots pour écarter la moindre possibilité de chaleur et de lumière? C'est d'ailleurs la science qui vient à la poésie pour y puiser des forces nouvelles" (30).

FERREIRA DE BRITO
Universidade do Porto

BIBLIOGRAFIA GERAL

As bibliografias críticas mais completas e actualizadas sobre a obra de Lorand Gaspar encontram-se no estudo de Ana Paula Coutinho Mendes, **Lorand Gaspar: Na Terceira Margem — Uma Poética da lucidez**, Porto, ed. da Autora, 1989, e em **Lorand Gaspar**, Actes du Colloque de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour, 1989. O Colóquio decorreu entre 25 e 27 de Maio de 1987 no Centre de Recherches sur la poésie contemporaine da Universidade de Pau.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Veja-se **Approche de la parole**, Paris, Gallimard, 1978, p. 50.
- (2) GASPARD, Lorand — **Egée suivi de Judée**, Paris, Gallimard, 1980, p. 96.
- (3) GASPARD, Lorand — "Science et poésie" in **Poésie vivante**, Genève, 1968, n. 27. Ver igualmente "Science et poésie" in **Diogène**, Genève, 1969, n. 67, p. 55.
- (4) Citado por Jean-Max Tixier in **Lorand Gaspar**, Actes du Colloque, *op. cit.*, p. 135.
- (5) Veja-se **Diogène**, 1977, n.100. Jean-Max Tissier faz também esta referência ao texto de Roger Caillois na comunicação citada na nota 4, p. 135.
- (6) BAUDELAIRE, Charles — "Salon de 1859", in **Oeuvres Complètes**, Paris, Seuil, 1968, p. 393.
- (7) *Ibidem*, p. 397.
- (8) **Approche de la parole**, *op. cit.*, p. 58.
- (9) Esta aproximação sistemática do pensamento e da matéria é a ideia-força de toda a Poética de Lorand Gaspar. Em **Feuilles d'observation**, o 'clinicien-ès-lettres' sublinha: "nous restons des parties de la nature, des visages de son activité, des façons d'être de son énergie"; "l'univers des corps et celui de la pensée reçoivent pour un instant la même dignité, la même vie". Cf. **Feuilles d'observation**, Paris, Gallimard, 1986, respectivamente pp. 24 e 43.
- (10) GASPARD, Lorand — **Gisements**, Paris, Flammarion, 1968.
- (11) Cf. sobretudo a introdução ao capítulo III de **Gisements**, *op. cit.*, p. 55.
- (12) *Ibidem*, p. 57.

(13) GASPAR, Lorand — *Sol absolu et autres textes*, Paris, Gallimard, 1982.
A 1ª edição data de 1972.

(14) *Approche de la parole*, op. cit., p. 63.

(15) *Ibidem*, p. 61.

(16) *Ibidem*, p. 90.

(17) Lorand Gaspar observa: "Ce lieu de haute énergie, où s'ordonnent des mots, que nous appelons poésie est notre part de l'acte infini dans le monde, champ de force des lois de notre mouvement propre, où se composent et se défont nos constellations". Cf. *Sol absolu*, op. cit., p. 28. Cf. uma variante desta citação em *Approche de la parole*, op. cit., p. 71.

(18) *Approche de la parole*, op. cit., p. 93.

(19) *Feuilles d'observation*, op. cit., p. 23.

(20) *Ibidem*, p. 57.

(21) *Ibidem*, p. 64.

(22) *Approche de la parole*, op. cit., p. 102.

(23) *Ibidem*, p. 122.

(24) *Ibidem*, p. 87.

(25) *Le quatrième état de la matière* foi publicado pela Gallimard em 1966. As citações que fazemos desta obra remetem para a edição de *Sol absolu* de 1982 já referida.

(26) Sobre a influência do deserto na poética solar de Lorand Gaspar, veja-se o prefácio de *Sol absolu*, da própria autoria do poeta, sobretudo as páginas 16 a 18, em que ele se debruça sobre o "royaume de l'étendue".

(27) *Approche de la parole*, op. cit., p. 115.

(28) *Sol absolu*, op. cit., p. 25.

(29) *Approche de la parole*, op. cit., p. 36.

(30) *Feuilles d'observation*, op. cit., p. 101.